



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

FERNANDA RODRIGUES CALLES

DESGARRAMENTO SINTÁTICO E PROSÓDIA: Percepção de orações adverbiais desgarradas na variedade pessoense à luz do alongamento das sílabas tônicas finais

RIO DE JANEIRO

2024

Fernanda Rodrigues Calles

DESGARRAMENTO SINTÁTICO E PROSÓDIA: Percepção de orações adverbiais desgarradas na variedade pessoense à luz do alongamento das sílabas tônicas finais

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Aline Ponciano dos Santos Silvestre.

Rio de Janeiro

2024

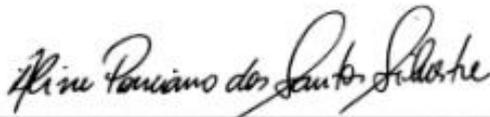
Fernanda Rodrigues Calles

DESGARRAMENTO SINTÁTICO E PROSÓDIA: Percepção de orações adverbiais desgarradas na variedade pessoense à luz do alongamento das sílabas tônicas finais

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/ Literaturas.

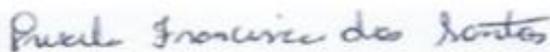
Data da avaliação: 05/07/2024

Banca Examinadora:



NOTA: 9,0

Prof.ª. Dr.ª. Aline Ponciano dos Santos Silvestre – Departamento de Letras Vernáculas - UFRJ - Presidente da Banca Examinadora



NOTA: 9,0

Prof.ª. Dr.ª. Priscila Francisca dos Santos – Departamento de Letras Vernáculas - UERJ

MÉDIA: _____

Assinatura dos avaliadores: Juliana G. Martins

Dedico à minha querida mãe, Maria Regina Rodrigues Calles (*in memoriam*), que não pode estar aqui para realizar esse sonho comigo, mas pode ver sua filha na Universidade. Vencemos e continuaremos vencendo um dia após o outro. A ti, mãe, com muita gratidão, amor e eternas saudades.

AGRADECIMENTO

Ao Criador, por Sua infinita misericórdia e amor que sempre me envolveram, estendendo Seus braços nos momentos de solidão e desamparo, iluminando cada passo do meu caminho.

A mim mesma, por acreditar no meu potencial, mesmo quando meus sentimentos ecoavam dúvidas e incertezas. Agradeço por firmar meu propósito e confiar que sou capaz.

Aos meus pais, Roberto Calles e Maria Regina, que me ensinaram o verdadeiro significado do amor, da fé e da esperança. Pelo apoio constante em cada momento da minha vida, devo a vocês toda a minha gratidão e conquistas.

À minha amada esposa Lohayne, cuja paciência infinita e compreensão inabalável me acompanharam nos altos e baixos. Você escolheu permanecer ao meu lado, e ainda me presenteando com Lua e Estrela, nossas gatas, nossa família. Eu te escolho todos os dias, meu amor.

À minha irmã Thais e aos meus sobrinhos Kauã, Kaique e Mylena, que habitam meus pensamentos diários, carregando todo o meu amor. Vocês são as pessoas por quem mais torço no mundo, e desejo ver suas felicidades. Esta conquista é nossa. Eu amo vocês.

Aos meus amigos Laerte e Vitória, que a vida me deu como uma segunda família. Obrigada por compartilharem dias, vidas, jogos e risadas, e por nos apoiarmos mutuamente. Muito obrigada!

Aos amigos da UFRJ, Cath, Max, Michelen e Vitória, por me acompanharem e me apoiarem constantemente. Compartilhamos alegrias, tristezas, horas de desespero, angústias ao longo de todos esses anos. Peço aos céus que essa conexão permaneça sempre.

Às amigas de vida, Gabi, Andreza, Leslye e Bruna, que me acompanharam por tanto tempo. Consegui! O esperado e temível momento chegou. Espero que agora possamos passar mais tempo juntas. Muito obrigada, amigas.

Aos meus gestores e amigos Debbie, Cris, Rainha e Nat, que sempre acreditaram no meu potencial, me oferecendo tempo, confiança e amor, tornando meus dias mais leves. Sem vocês, não estaria aqui escrevendo com o coração tão grato e feliz.

À minha orientadora Aline Ponciano, que me acolheu no grupo de pesquisa quando eu era apenas uma jovem cheia de sonhos. Obrigada por tantos anos de orientação e apoio. É uma honra fazer parte deste movimento nada “*desgarrado*”.

Às bolsas de incentivo que sustentaram minha permanência na universidade, permitindo minha formação como pesquisadora, uma pessoa mais crítica e questionadora, atenta às perspectivas do mundo.

À UFRJ, lugar dos meus sonhos, berço de grandes pensadores, profissionais, literatos e cidadãos. Mesmo com desafios, ainda se ergue como símbolo da educação pública de qualidade. Viva às universidades públicas!

RESUMO

Este trabalho investiga como características prosódicas influenciam a percepção de orações adverbiais desgarradas na fala de João Pessoa. O termo "desgarramento", cunhado pela sintaxe funcionalista, descreve o fenômeno em que algumas orações, tradicionalmente chamadas de "subordinadas", podem existir isoladamente, sem a oração núcleo. O estudo foca nas pistas prosódicas, especialmente a duração e a entoação, para entender seu papel na percepção e caracterização dessas orações desgarradas. O corpus de análise inclui orações adverbiais anexadas à cláusula núcleo e orações adverbiais desgarradas totais, com manipulações prosódicas realizadas através do software Praat para alterar as durações das orações. Testes de percepção foram conduzidos com falantes nativos para verificar a eficácia dessas manipulações na identificação das orações desgarradas. Os resultados revelam que a duração das sílabas finais, isoladamente, não é suficiente para a caracterização das orações desgarradas. A manipulação exclusiva da duração não resultou em uma percepção significativa de desgarramento, destacando a necessidade de múltiplas pistas prosódicas para uma clara diferenciação. Este estudo conclui que, embora a duração das sílabas finais seja uma pista relevante, ela não é decisiva para caracterizar orações desgarradas na variedade pessoense do Português Brasileiro.

Palavras-chave: Desgarramento; Prosódia; Orações adverbiais; Duração.

ABSTRACT

This study investigates how prosodic characteristics influence the perception of stray adverbial clauses in João Pessoa's speech. The term "detachment", coined by functionalist syntax, describes the phenomenon in which some clauses, traditionally called "subordinate", can exist in isolation, without the nucleus clause. The study focuses on prosodic cues, especially duration and intonation, to understand their role in the perception and characterization of these stray clauses. The corpus of analysis includes adverbial clauses attached to the core clause and total stray adverbial clauses, with prosodic manipulations performed through Praat software to alter clause durations. Perception tests were conducted with native speakers to verify the effectiveness of these manipulations in identifying stray clauses. The results reveal that the duration of the final syllables, alone, is not sufficient to characterize stray clauses. The sole manipulation of duration did not result in a significant perception of detachment, highlighting the need for multiple prosodic cues for clear differentiation. This study concludes that, although the duration of the final syllables is a relevant clue, it is not decisive in characterizing stray clauses in Brazilian Portuguese.

Key-words: Desgarramento; Prosody; Adverbial clauses; Duration.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REVISÃO LITERÁRIA	11
2.1	Existência De Cláusulas <i>Desgarradas</i> versus Perspectiva Da Gramática Tradicional Sobre as <i>Desgarradas</i>.....	11
2.2	Fonologia Prosódica E Entoacional	13
2.3	Construção Dos Sintagmas Entoacionais	16
3	REFERENCIAL TEÓRICO	17
3.1	Entoação De Assertivas No Falar Paraibano: Estudos De Lira, Silvestre e Guedes.	17
3.2	Comportamento duracional: Estudos sobre duração em Silvestre	21
4	CORPUS E METODOLOGIA	27
4.1	Da reformulação do corpus à manipulação dos dados	27
4.2	Da manipulação dos dados do <i>desgarramento</i>	28
4.3	Da implementação e aplicação do teste de percepção	32
5	RESULTADOS	35
5.1	Percepção das orações <i>desgarradas</i>	35
5.2	Percepção das orações não <i>desgarradas</i>.....	36
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo principal investigar a percepção do fenômeno do *desgarramento* em orações adverbiais na variedade pessoense do Português Brasileiro, com um enfoque particular na percepção prosódica do alongamento das sílabas tônicas finais, com base nos pressupostos da Fonologia Prosódica (Nespor e Vogel, 2007) e da Fonologia Entoacional Autossegmental e Métrica (Ladd, 2008).

Neste contexto, a pesquisa se apoia nas contribuições teóricas de Decat (1999; 2011), cujo trabalho pioneiro na análise das orações "*desgarradas*" reconhece-as como unidades de informação independentes. Decat distingue cláusulas encaixadas, como as substantivas e adjetivas restritivas, das cláusulas hipotáticas, como as adjetivas explicativas e as adverbiais, argumentando que estas últimas podem existir autonomamente. Este reconhecimento das cláusulas *desgarradas* é fundamental, pois evidencia que elas podem ocorrer sem a presença de outra cláusula considerada "principal" pela tradição gramatical.

Comparativamente, este estudo analisa dados da variedade pessoense em relação aos estudos realizados no Rio de Janeiro por Silvestre (2021) e estudos posteriores feitos por Mendonça (2023) e Guedes (2023), que observaram características prosódicas específicas em orações *desgarradas*. Os resultados preliminares indicam peculiaridades na fala pessoense, como o alongamento das sílabas finais e um padrão ascendente final, além de traços regionais distintos, como o tom H* no início dos sintagmas entoacionais (IPs) e uma ligeira subida melódica no final dos IPs, já descritos para a asserção neutra (Cunha, 2009). Com base nessas constatações, esta pesquisa propõe a manipulação das características prosódicas observadas nos dados de produção de João Pessoa, utilizando o programa PRAAT (Boersma, Weenick, 2020) para identificar, por meio de testes de percepção, se há uma hierarquia entre os parâmetros prosódicos de duração e contorno entoacional na percepção do fenômeno estudado.

Dessa forma, o estudo busca aprofundar a compreensão do *desgarramento* sintático por meio da análise prosódica, utilizando ferramentas de análise acústica e métodos de teste de percepção para examinar como os falantes da variedade pessoense percebem e produzem essas estruturas *desgarradas*. A metodologia inclui a manipulação de dados linguísticos e a implementação de testes de percepção para identificar padrões prosódicos e suas variações.

2 REVISÃO LITERÁRIA

Neste capítulo, realizaremos uma revisão literária detalhada sobre os principais conceitos e teorias que embasam o estudo do fenômeno do *desgarramento* linguístico e suas implicações nas perspectivas da Gramática Tradicional e na Fonologia Prosódica e Entoacional.

2.1 Existência De Cláusulas *Desgarradas versus* Perspectiva Da Gramática Tradicional Sobre as *Desgarradas*

Dedicaremos este primeiro capítulo à análise minuciosa do fenômeno linguístico conhecido como *desgarramento*, explorando os aportes teóricos de Decat (1999; 2011) e contrastando-os com as perspectivas da Gramática Tradicional (GT), baseadas na Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). A compreensão aprofundada do *desgarramento* é crucial para uma análise mais rica e abrangente das relações entre as cláusulas em um período composto, especialmente no que tange à sua função comunicativo-interacional.

A Gramática Tradicional (LIMA, 1972), fundamentada na NGB, apresenta uma visão estrutural e formal das relações entre cláusulas no período composto, destacando dois modos fundamentais de articulação: coordenação e subordinação. A NGB define que as orações coordenadas podem ser: “assindética; sindética: aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva, explicativa;” (1958, p. 6), enquanto as subordinadas “substantiva: subjetiva, objetiva (direta e indireta), completiva-nominal, apositiva, predicativa; consecutiva, concessiva, condicional, conformativa, final, proporcional e temporal) (1958, p. 6). Também define que orações “coordenadas entre si podem estar principais, independentes ou subordinadas (desenvolvidas ou reduzidas).” (1958, p. 6). Essa visão, embora tenha sido uma forma valiosa de compreensão das estruturas gramaticais, também revela suas limitações quando confrontada com a complexidade e dinamicidade da linguagem.

Nesta perspectiva, a coordenação é caracterizada pela autonomia entre as sentenças que compõem o período composto. Cada cláusula coordenada mantém sua independência sintática e semântica em relação às demais, conectando-se por meio de conjunções coordenativas. Essa abordagem simplificadora, embora útil para estruturar o entendimento inicial das relações entre as cláusulas, pode negligenciar as nuances comunicativas e interativas presentes no desdobramento discursivo. A subordinação, por sua vez, é destacada na GT pela relação de dependência e ligação à oração matriz. Nesse contexto, as orações subordinadas são

frequentemente percebidas como uma parte acessória do período, subjugadas à cláusula principal. A noção de que a cláusula subordinada expressa uma ideia incompleta e está vinculada necessariamente a uma oração principal revela a rigidez dessa perspectiva.

A visão tradicional, ao negligenciar a flexibilidade e a riqueza das interações discursivas, tende a rotular o *desgarramento* como uma "anomalia" gramatical ou uma licença linguística questionável. Essa perspectiva limitada se reflete nas definições presentes em livros didáticos, em que o *desgarramento* é associado a erros, algo negativo ou, quando vinculado ao estilo, a uma concessão permitida apenas a autores experientes e grandes escritores. A GT, assim, muitas vezes, falha em reconhecer o potencial discursivo do *desgarramento*, restringindo-se a uma visão normativa e prescritiva que não contempla a diversidade linguística e comunicativa.

Ao definir o fenômeno de *desgarramento*, Decat (1999) propõe uma abordagem inovadora, mergulhando nas complexidades da linguagem sob uma perspectiva funcional-discursiva, através da qual a função comunicativa e interacional ganha destaque. Segundo Decat, o *desgarramento* é um fenômeno que consiste na possibilidade de que orações tradicionalmente classificadas como subordinadas existam sem a oração matriz, pelo fato de serem uma unidade de informação à parte, sozinha, ou seja, ocorrem “de forma sintaticamente independente, isoladas.

Nessa análise, a autora não apenas redefiniu a compreensão tradicional de subordinação e coordenação, mas também lançou luz sobre as intrincadas relações entre as cláusulas em um período composto. Em seu arcabouço teórico, Decat enfatiza a necessidade de delimitar a dependência ao conceituar orações subordinadas e coordenadas. Evitando uma visão estritamente sintática, ela ressalta que as noções de dependência semântica e sintática podem resultar em equívocos. Isso desafia a premissa de que as subordinadas não podem constituir enunciados autônomos, além de questionar a concepção de que a cláusula principal sempre carrega a informação mais importante.

Em seus “Contributos do estudo sobre o *desgarramento* na língua falada para a descrição do fraseamento prosódico no Português Brasileiro”, Silvestre (2018) ao verificar a abordagem de Decat, exemplifica:

As análises empreendidas por Decat estiveram sempre baseadas em textos escritos, conceituando como desgarradas tanto as orações que ocorrem totalmente soltas - como (1) ‘Se eu ganhasse na Sena!’ - quanto sentenças separadas da tradicional oração principal por uma pontuação não canônica - como (2) ‘Esse caso com a modelo Lilian Ramos realmente foi uma tragédia. Apesar de Itamar ser um senhor solteiro e o ambiente ter sido de Carnaval’.

Com isso, e tendo como alicerce o referido conceito de Chafe (1980), a autora afirma, em análise preliminar, que o *desgarramento* na língua falada tende a se materializar, prosodicamente, através de um contorno final de cláusula e pela pausa que antecede a oração desgarrada (Silvestre, 2018, p. 78).

A análise de Decat vai além das noções formais e sintáticas, considerando o *desgarramento* não apenas como uma questão estritamente linguística, mas como um fenômeno que reflete as escolhas comunicativas e interativas do falante. Essa perspectiva enriquece a compreensão do *desgarramento*, proporcionando uma visão mais holística e dinâmica das relações entre as cláusulas em um contexto discursivo mais amplo. Ao incorporar elementos discursivos à análise do *desgarramento*, Decat oferece uma contribuição significativa para o entendimento desse fenômeno linguístico, destacando sua relevância não apenas no âmbito da gramática, mas também no contexto mais amplo da comunicação verbal. Essa abordagem mais abrangente sinaliza uma mudança de paradigma na compreensão das estruturas linguísticas, desafiando as limitações das concepções tradicionais e abrindo espaço para uma compreensão mais flexível e contextualizada das relações entre as cláusulas em um período composto.

Em síntese, a análise do *desgarramento* linguístico nos leva a uma compreensão mais profunda das nuances da comunicação verbal. A perspectiva de Decat desafia as concepções tradicionais e nos convida a repensar a flexibilidade das relações entre as cláusulas em um período composto. Ao enfatizar as escolhas comunicativas do falante e incorporar elementos discursivos à análise, ampliamos nosso entendimento do *desgarramento* como um fenômeno intrinsecamente ligado ao contexto comunicativo. Essa abordagem nos desafia a adotar uma visão mais dinâmica e contextualizada das estruturas linguísticas.

2.2 Fonologia Prosódica E Entoacional

A singularidade da percepção do *desgarramento* na fala da capital paraibana será abordada a partir de uma análise das fonologias prosódica e entoacional. Essas abordagens visam proporcionar um entendimento abrangente dos fenômenos linguísticos em questão, considerando não apenas aspectos sintáticos, mas também prosódicos e entoacionais.

A Fonologia Prosódica estabelece que a corrente fônica se organiza em constituintes prosódicos hierarquicamente estruturados. Esses constituintes, que incluem o enunciado fonológico (U), o sintagma entoacional (IP), o sintagma fonológico (PhP), o grupo clítico (CG),

a palavra fonológica (PW), o pé (F), e a sílaba (Syl), desempenham papéis fundamentais na organização da fala.

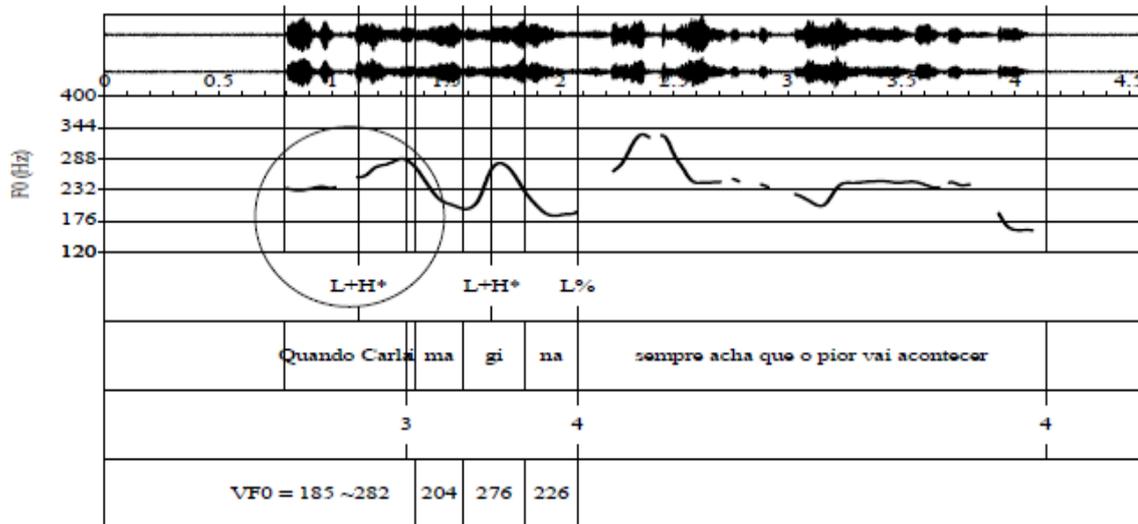
Destaca-se que, ao considerarmos a relação entre fonologia e sintaxe nos domínios mais elevados da hierarquia prosódica, percebemos uma interconexão complexa e interdependente. A visão proposta por Nespor e Vogel (1994) enfatiza que o componente fonológico da gramática não pode ser homogêneo, mas sim um subconjunto de subsistemas interconectados. As autoras afirmam que, além dos processos fonológicos, os elementos prosódicos são cruciais na percepção inicial da fala, fornecendo informações relevantes para a compreensão. Este trabalho se concentra na análise dos níveis mais altos da hierarquia prosódica, o sintagma entoacional (IP) e o enunciado fonológico (U), pois são essenciais para distinguir estruturas. A análise visa corroborar ou refutar os pressupostos de Silvestre (2018) sobre o fenômeno do *desgarramento* e sua atribuição como um IP.

O modelo de Fonologia Entoacional Autossegmental e Métrica (AM), proposto por Ladd (2008), oferece uma perspectiva única sobre a entoação. Esse modelo considera a entoação como uma organização fonológica que se manifesta em contornos entoacionais. Esses contornos são compostos por eventos tonais, como acentos tonais (*pitch accents*) e tons de fronteira (*boundary tones*), representados por sequências de tons altos (H) e baixos (L). Os acentos tonais exercem influência sobre a sílaba tônica, sendo indicados por um asterisco (*). Quando formados por um único tom, são considerados simples ou monotonais (L*, H*); se constituídos por dois tons, são classificados como complexos ou bitonais (L*+H, L+H*, H*+L, H+L*). Por outro lado, os tons de fronteira, responsáveis pela modulação melódica no final de um domínio prosódico, são identificados pelo símbolo % em sua proximidade. Em português, esses tons podem ser simples (H%, L%) ou complexos, apresentando padrões ascendentes (LH%) ou descendentes (HL%). À análise entoacional aqui realizada, se estende à pausa, ao alongamento silábico e à variação de F0, proporcionando uma compreensão mais rica da fala.

Dentro desses parâmetros que regem a sequência sonora da fala, é de interesse destacar, principalmente, que o fluxo da fala pode ser interrompido por pausas de diversas durações ou outros mecanismos, como o alongamento silábico e a variação de F0. Como resultado, entre as unidades de fala, agrupadas pelos falantes, torna-se possível identificar rupturas ou fronteiras prosódicas. Adotando uma concepção específica, conferimos o título de "fraseamento prosódico" (Beckman & Pierrehumbert, 1986, entre outros) à função da prosódia de agrupar a fala em unidades prosódicas.

Com o intuito de adequar as notações prosódicas às necessidades das pesquisas brasileiras, Frota (2014) adaptou o sistema TOBI ao português (P-TOBI), originado na teoria AM (Beckman, Hirschberg e Shattuck-Hufnagel, 2005), o qual considera o alinhamento da modulação da F0 em conjunto com diversas camadas (Tone and Break Indices). Essa adaptação inclui uma camada para a marcação de acentos tonais, outra para tons de fronteira, uma terceira para transcrição ortográfica, e uma quarta para notas e comentários resultantes da análise. A seguir, apresenta-se um exemplo ilustrativo do procedimento realizado:

Figura 1 - Contorno L+H* no PhP1 de oração não desgarrada: [Quando Carla imagina].



Fonte: Silvestre (2017).

Este exemplo, extraído de Silvestre (2017), demonstra a análise da oração "Quando Carla imagina, sempre acha que o pior vai acontecer", um caso composto por uma oração adverbial seguida por uma oração núcleo (portanto não *desgarrada*) através do sistema P-TOBI. A autora identifica um contorno melódico L+H*L% no final do primeiro IP, que corresponde à oração adverbial.

Análises semelhantes serão exploradas ao longo deste estudo. Até este ponto, o arcabouço teórico fornecido será fundamental para examinar os aspectos prosódicos do objeto de estudo desta pesquisa. Portanto, compreender esses estudos em conjunto será necessário para prosseguir.

2.3 Construção Dos Sintagmas Entoacionais

Esta seção tem como propósito elucidar a formação e construção do sintagma entoacional, destacando-o como a unidade básica de análise. Como previamente discutido na seção anterior, a fala é estruturada de maneira hierárquica, composta por distintos domínios prosódicos.

Serra (2009) contribui para a compreensão da estrutura fonológica e seus constituintes, buscando esclarecer os fatores envolvidos no fraseamento prosódico do Português Brasileiro (PB). Ao explorar os parâmetros acústicos cruciais para a percepção de fronteiras prosódicas, a autora examina as relações entre os constituintes prosódicos e a identificação de rupturas na fala espontânea e na leitura. Os resultados de sua pesquisa destacam fatores relevantes, como pausas, alongamento silábico e variação de F0.

Ao analisar o tipo de fronteira no domínio prosódico, a pesquisa revela que as rupturas percebidas ocorrem predominantemente em fronteiras de Sintagma Entoacional (IP), representando um dado significativo para a percepção. Serra (2009) afirma que o sintagma entoacional tem sido considerado o domínio relevante para a associação tonal, o alongamento pré-fronteira e a ocorrência de pausa.

Em relação aos parâmetros acústicos, uma breve revisão dos resultados relacionados ao alongamento silábico e à variação melódica destaca a variabilidade entre os falantes na fala espontânea e na leitura. Serra (2009) conclui que esses indicadores não se mostram consistentes na diferenciação de fronteiras percebidas e não percebidas. No entanto, observa-se que o maior alongamento ocorre na sílaba tônica. A autora explora a possibilidade de o alongamento silábico e a variação melódica serem marcas necessárias de um sintagma entoacional, levantando questões sobre sua atuação na marcação de fronteiras.

Diante da inconstância desses parâmetros, Serra (2009) propõe duas hipóteses a serem exploradas: a variabilidade excessiva ou a possível atuação dessas pistas acústicas em outros fenômenos prosódicos, diminuindo sua eficácia como indicadores de fronteira frente a elementos inequivocamente associados a esse fim, como a pausa.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Exploramos, a seguir, estudos fundamentais sobre a prosódia no falar paraibano, com foco em João Pessoa. Analisamos as pesquisas de Lira (2009), Silvestre (2012) e Guedes (2023), que investigam os padrões melódicos e duracionais das orações assertivas e *desgarradas* na região. Esses estudos fornecem uma base sólida para entender as características fonéticas e fonológicas específicas desse fenômeno, ressaltando a importância das pistas prosódicas na caracterização das diferentes estruturas oracionais.

3.1 Entoação De Assertivas No Falar Paraibano: Estudos De Lira, Silvestre e Guedes

Para somar aos argumentos apresentados nas seções anteriores, vamos recorrer aos estudos prosódicos para fundamentar a tese em questão. A prosódia, além de abordar propriedades relacionadas ao domínio da palavra, destaca-se pela análise de características essenciais nos enunciados, como a entoação. Esta, por sua vez, é responsável por conectar tons em um conjunto sintagmático, evidenciando-se nas análises dos parâmetros de duração, intensidade e, principalmente, frequência fundamental (F0).

Destacamos referências bibliográficas que abordam a descrição entoacional de orações assertivas, como identificado por Lira (2009) e, posteriormente, corroborado por Silvestre (2012), com ênfase nas características distintivas do discurso na região de João Pessoa.

Lira (2009) analisa os movimentos melódicos em torno do IP, confirmando a importância deste na entoação de orações assertivas em João Pessoa. A pesquisa de Lira (2009) não apenas se concentra na entoação pessoense, mas também abrange Recife, Fortaleza, Salvador e São Luís, classificando enunciados assertivos em três tipos. Ao observar as diferenças sintáticas, Lira (2009) identifica padrões melódicos específicos em enunciados assertivos, notando uma queda sobre a sílaba tônica com ligeira subida na pós-tônica.

Na figura 2, podemos observar que, na interrogação (rosa), em João Pessoa, houve um movimento ascendente na tônica, seguida de queda em direção às pós-tônicas. Na asserção (verde), porém, houve uma queda sobre a tônica com ligeira subida nas sílabas pós-tônicas.

Figura 2 - Exemplo de contorno melódico em João Pessoa.

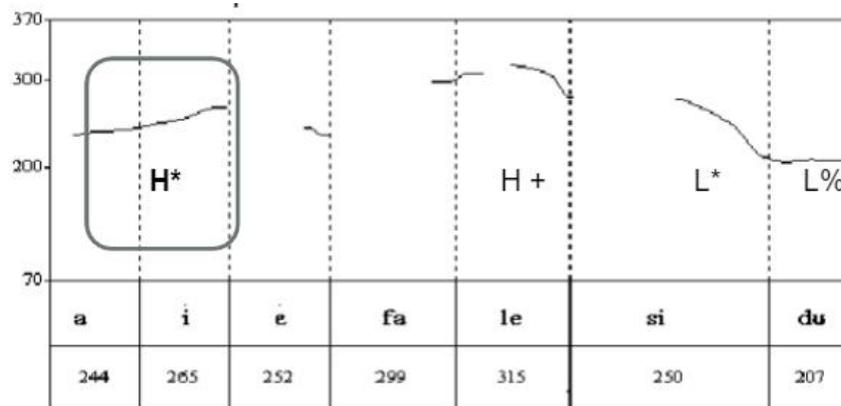


Fonte: Lira (2009).

Silvestre (2017), motivada pelo fenômeno do *desgarramento* e fundamentada nas teorias da Fonologia Prosódica e Entoacional, realiza uma análise prosódica do *desgarramento* nas variedades do Português Europeu (Lisboa) e do Português Brasileiro (Rio de Janeiro). Ao explorar dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), a autora destaca o índice geográfico evidenciado na ligação das alturas do acento pré-nuclear, somado ao acento nuclear e entre movimentos de F0 nas sílabas que o continuam. Os estudos revelam especificidades nos falares do Nordeste, incluindo João Pessoa, onde se observa um tom alto na primeira sílaba tônica do IP. A análise mais detalhada dos padrões assertivos neutros, especialmente na primeira sílaba tônica, é crucial para compreender as possíveis características singulares do *desgarramento* no falar pessoense, conforme evidenciado por Lira (2009) e Silvestre (2012) na análise de asserções nesta variedade do PB.

A fim de contribuir para o estudo, Silvestre (2012) também descreve essa ligeira subida nas sílabas pós-tônicas finais em orações assertivas enunciadas por informantes de outras capitais do nordeste. Para João Pessoa, porém, a autora descreve como característica regional a presença de um tom H* no início dos enunciados, característica também observada em outras capitais nordestinas. Isso pode ser observado na figura 3:

Figura 3 - Exemplo de contorno melódico em João Pessoa.



Fonte: Silvestre (2012).

A autora destaca uma ligeira subida nas sílabas pós-tônicas finais em frases assertivas enunciadas por informantes de outras capitais do nordeste. Para João Pessoa, porém, a autora descreve como característica regional a presença de um tom H* no início dos enunciados, característica também observada em outras capitais nordestinas.

Com propósito de contribuir para a análise desse fenômeno, Guedes (2023) conduziu um estudo com o objetivo de analisar o comportamento prosódico de orações adverbiais anexadas à oração matriz e de orações *desgarradas* no falar pessoense, a fim de observar a realização do fenômeno sintático do *desgarramento* em outros falares brasileiros. Além disso, a autora analisou se traços fonéticos regionais, descritos anteriormente em estudos prosódicos de orações assertivas neutras em cidades do nordeste do país (Cunha, 2000; Lira, 2009; Silvestre, 2012; Castelo, 2016), também se manifestam nas orações *desgarradas* de João Pessoa ou se a sintaxe específica se sobreporia à característica regional de entoação. Ainda, a autora compara o *desgarramento* em João Pessoa com o já descrito para o Rio de Janeiro.

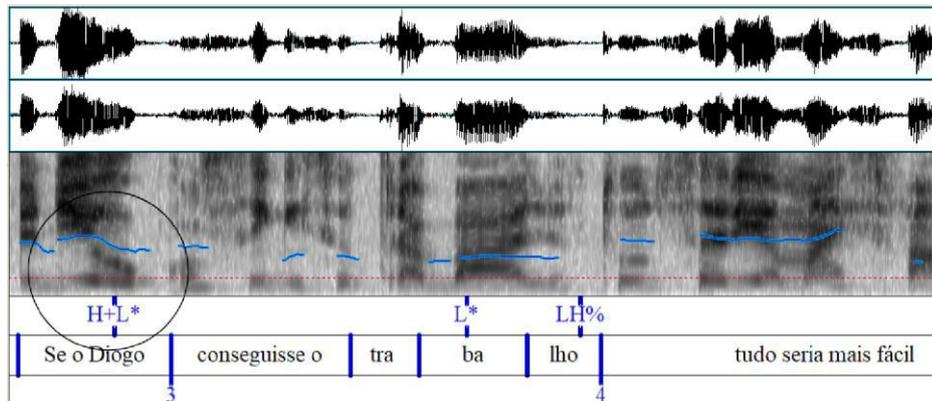
Para reforçar as características regionais previamente descritas para a asserção neutra na fala de João Pessoa, como o tom H* no início das sentenças (Silvestre, 2012) e uma leve elevação na sílaba final (Lira, 2009), Guedes (2023) realizou uma análise para validar ou refutar essas observações. A pesquisadora coletou dados da fala em João Pessoa e suas investigações indicaram que o

começo dos IPs foi marcado predominantemente pela ocorrência de H* (21%) ou H+L* (66%) no elemento proeminente do primeiro PhP, estando a sílaba tônica alinhada ao segmento baixo do acento. No entanto, em alguns poucos casos, o alinhamento da tônica se deu ao segmento alto (L+H*). Com isso, o

fato de, na variedade carioca, o início dos enunciados apresentar o tom L* ou L+H* reforça que, assim como Cunha (2005) descreveu para o nordeste e Silvestre (2012) descreveu à capital da Paraíba, o tom inicial mais alto pode ser considerado uma diferença regional considerável a ser explorada (Guedes, 2023, p.23)

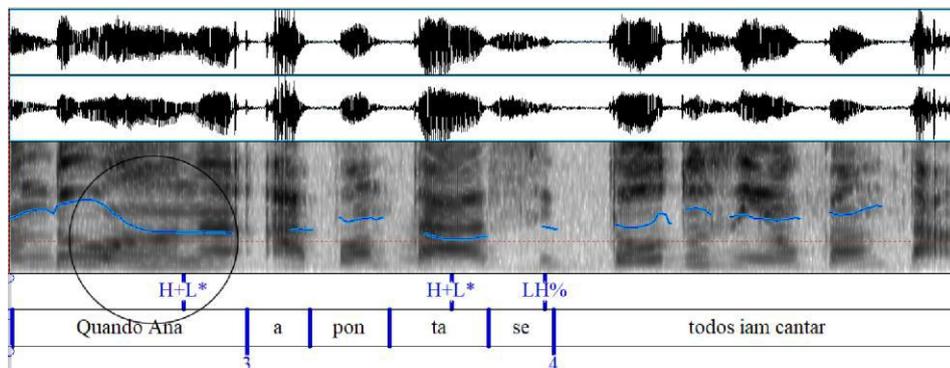
As figuras 4 e 5 confirmam tais afirmações:

Figura 4 - [se o Diogo conseguisse o trabalho tudo seria mais fácil]. Não *desgarrada*.



Fonte: Guedes (2023).

Figura 5 - [Quando Ana apontasse todos iam cantar]. Não *desgarrada*.



Fonte: Guedes (2023).

Guedes (2023) analisou os contornos de melodia mínima em João Pessoa, encontrando um padrão semelhante ao observado por Silvestre (2017) na variedade lisboeta, na qual o acento tonal H+L* foi associado à última sílaba tônica do IP, complementado por um tom de fronteira LH%.

Além disso, identificou-se a ocorrência do acento tonal L+H* acompanhado pelo tom de fronteira H%, bem como a associação do acento tonal H+L* com o tom de fronteira L%. A

autora destacou a importância do alongamento para diferenciar as orações *desgarradas* totais das não *desgarradas*, revelando que “em comparação à sílaba tônica, a sílaba pré-tônica tem duração média 18,5 ms (29,13%), ao passo que a pós-tônica durou, em média, 22 ms (34,65%)” (p. 26).

Quanto à variação de F0, não foram encontradas diferenças relevantes em comparação aos resultados de Silvestre (2017), mas a Frequência Fundamental Máxima apresentou maior marcação, indicando uma diferença prosódica no falar pessoense.

Guedes (2023) também ressaltou a recorrência do alongamento silábico final nas orações *desgarradas* totais como uma pista caracterizadora do fenômeno do *desgarramento*, em concordância com as pesquisas de Silvestre (2017, 2021). Além disso, a autora destacou que a análise da gama de variação de F0 nas sílabas da palavra nuclear revelou diferenças significativas entre as orações *desgarradas* e não *desgarradas* em João Pessoa, corroborando a hipótese de que a gama de variação de F0 pode ser maior nas *desgarradas* totais.

Esses resultados confirmam a presença de traços regionais relevantes na fala de João Pessoa, demonstrando a importância de considerar as características regionais na análise da prosódia.

3.2 Comportamento duracional: Estudos sobre duração em Silvestre

Como mencionado anteriormente, Silvestre (2017, 2021) investigou o comportamento as sílabas finais do IP em dados do português europeu (PE) e do português brasileiro (PB), analisando três pistas prosódicas: contorno melódico, duração e variação de frequência fundamental (F0) no final do sintagma entoacional. Este capítulo se concentra na discussão dos resultados relacionados à duração das sílabas.

A observação do alongamento, considerado uma hipótese para diferenciar orações *desgarradas* totais das não *desgarradas*, ocorreu em duas etapas. Na primeira fase, ao examinar especificamente as orações não *desgarradas*, foi realizada uma comparação interssilábica, verificando as médias de duração das três sílabas finais da palavra nuclear. Os resultados revelaram que, em orações não *desgarradas*, a sílaba pré-tônica apresenta uma duração média 32% menor em relação à sílaba tônica, enquanto a sílaba pós-tônica tem uma duração média 23% menor em relação à mesma sílaba. Além disso, a autora constatou que em comparação com a sílaba pré-tônica, a pós-tônica apresenta um alongamento médio de 12%, como podemos

averiguar na tabela 1 abaixo, em que a sílaba pós-tônica, dura mais que a pré-tônica na realização da maioria das informantes, com exceção das informantes 2 e 5

Tabela 1 - Média de duração das sílabas finais em orações não *desgarradas* com PhP não ramificado no PB.

VALORES MÉDIOS EM IPs COM PhP NÃO RAMIFICADO	Pré-tônica (ms)	Tônica (ms)	Pós-tônica (ms)
Inf.1	139	218	177
Inf.2	160	235	150
Inf.3	177	266	215
Inf.4	183	269	232
Inf.5	185	258	182
Média	168	249	191

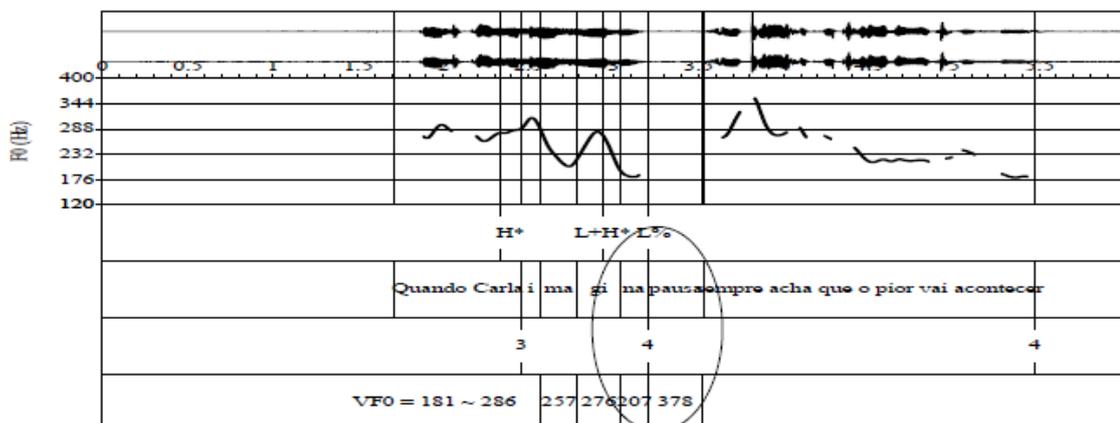
Fonte: Silvestre (2017).

Ao comparar seus resultados com os estudos de Serra, a autora afirma que:

Considerando as afirmações de Serra (2009) e comparando os resultados relativos à duração com as análises concernentes ao comportamento da F0, podemos concluir, quanto ao fraseamento dos IPs constituídos por orações *não desgarradas*, que há a produtividade de marcação da fronteira pela duração, através do alongamento da sílaba final, uma vez que, à exceção da informante 4, mais de 50% dos IPs produzidos pelas demais informantes não foram delimitados por pausa (Silvestre, 2017, p. 102).

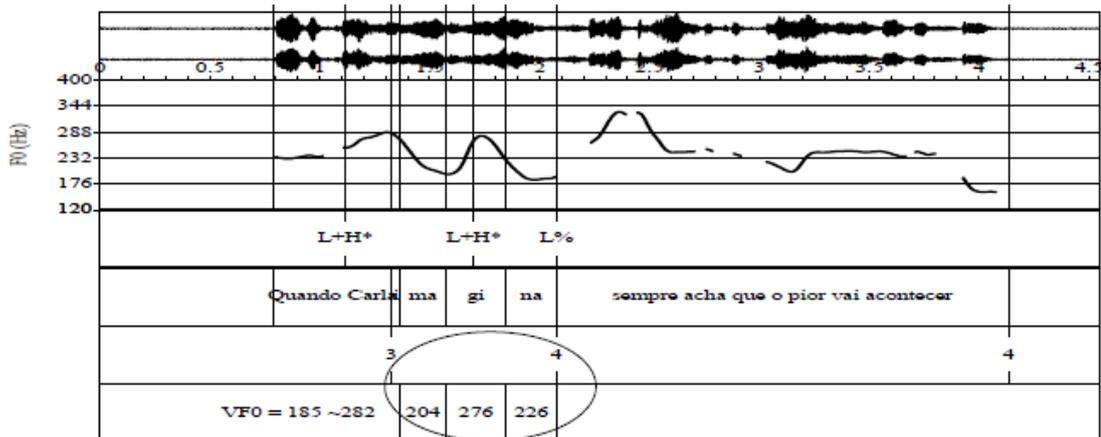
As figuras subsequentes confirmam o confronto entre essas duas marcações:

Figura 6 - Fronteira marcada pela pausa em oração não *desgarrada*: [Quando Carla imagina] IP- R3Inf.4PB.



Fonte: Silvestre (2017).

Figura 7 - Fronteira marcada pela duração em oração não *desgarrada*: [Quando Carla imagina] IP- R1 Inf.2PB.



Fonte: Silvestre (2017).

A autora, ao analisar as orações não *desgarradas*, destacou uma redução significativa na duração média das sílabas pré-tônica e pós-tônica em relação à sílaba tônica, com uma diminuição de 30% e 35%, respectivamente. Além disso, observou que a sílaba pós-tônica apresentou um alongamento médio de 9% em comparação com a sílaba pré-tônica. Por outro lado, ao examinar as orações *desgarradas*, a autora identificou uma redução de 40% na duração da sílaba pré-tônica em relação à sílaba tônica, enquanto a sílaba pós-tônica registrou um aumento de 5% na duração.

Notavelmente, nas orações *desgarradas*, a autora observou um expressivo alongamento da sílaba pós-tônica final em relação à pré-tônica (42% maior, em média) e em relação à sílaba tônica, evidenciando-a como uma pista distintiva dessas orações. Assim, Silvestre destacou a consistência do alongamento da sílaba pós-tônica em relação à pré-tônica nos dados de *desgarramento* e a predominância da duração maior da última sílaba em relação à tônica, exceto nos dados das informantes 2 e 4, conforme demonstrado na tabela 2, constatando que nos dados de *desgarramento*, é categórico o alongamento da sílaba pós-tônica em relação à pré-tônica e, no que se refere à tônica, a duração da última sílaba também tende a ser maior.

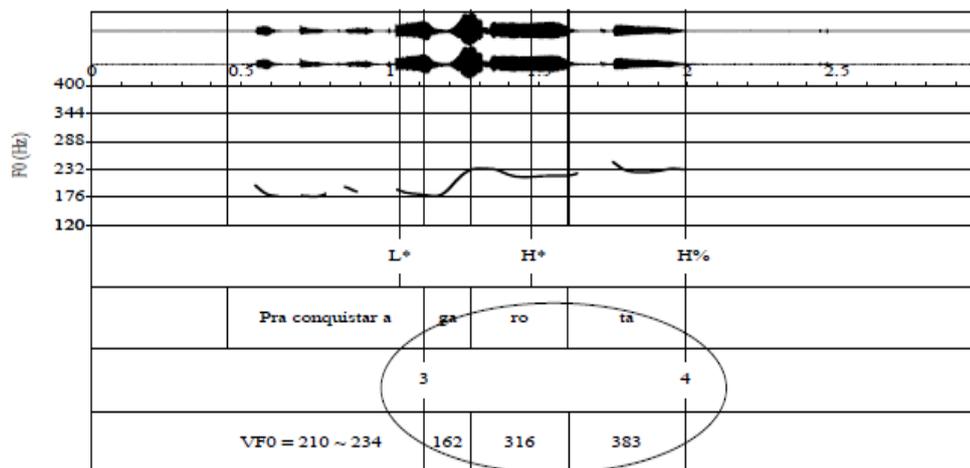
Tabela 2 - Média da duração das sílabas finais em IPs *desgarrados* com PhP não ramificado no PB.

VALORES MÉDIOS EM IPs COM PhP NÃO RAMIFICADO	Pré-tônica (ms)	Tônica (ms)	Pós-tônica (ms)
Inf.1	160	273	306
Inf.2	177	263	233
Inf.3	185	308	355
Inf.4	181	312	309
Inf.5	181	290	312
Média	176	289	303

Fonte: Silvestre (2017).

A figura 8 exemplifica os alongamentos constatados, conforme identificados por Silvestre 2017:

Figura 8 - Alongamento final observado em oração *desgarrada* total: [Pra conquistar a garota] IP] U- R2Inf.1-.



Fonte: Silvestre (2017).

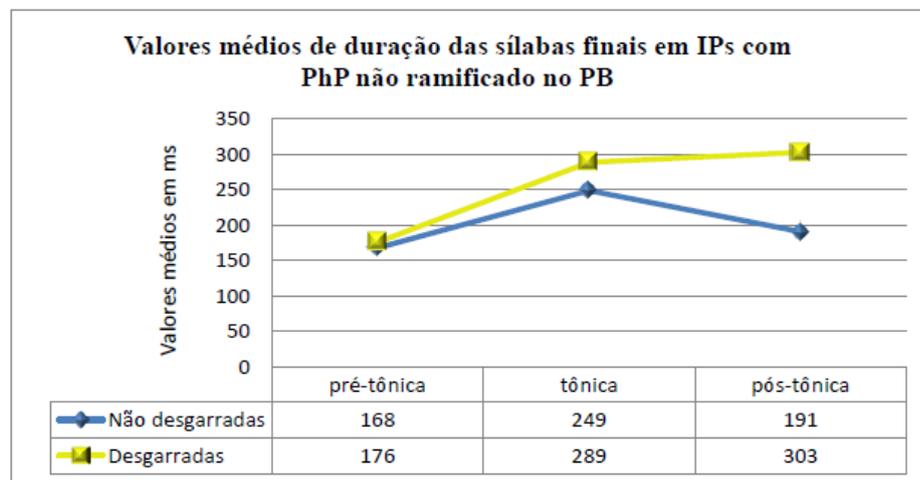
Silvestre (2017, 2021), no que tange à comparação interssilábica, afirma que

a comparação interssilábica revela que o alongamento final, já descrito em outros trabalhos também como caracterizador da fronteira de IP, existe tanto nas orações não desgarradas quanto nas orações desgarradas totais. A

comparação interacional da duração, à qual procedemos agora, revela, contudo, que tal pista prosódica atua, assim como o contorno melódico, de forma produtiva na caracterização de orações desgarradas totais do PB, uma vez que é utilizada de forma bastante saliente na produção das referidas orações (Silvestre, 2017, p. 135).

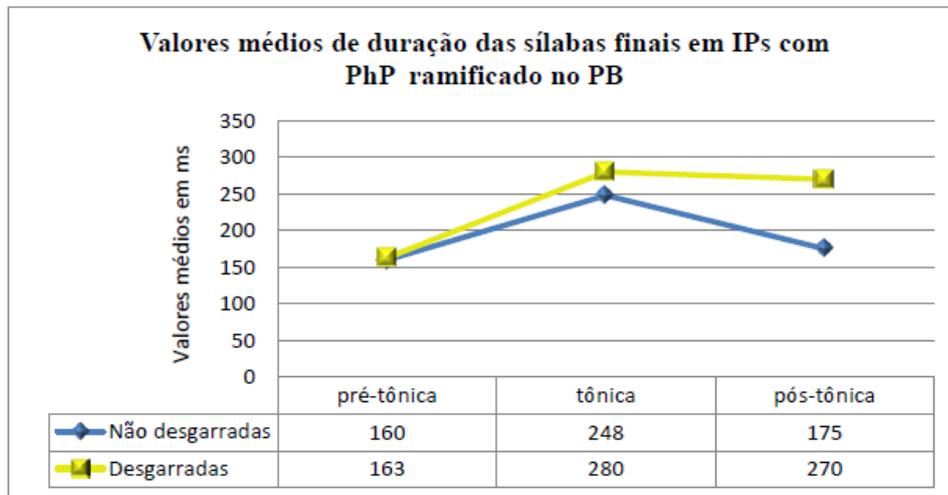
Segundo a autora, ao comparar o comportamento da duração em orações não *desgarradas* e em orações *desgarradas* totais, torna-se evidente que o alongamento da última sílaba pós-tônica é característico dos dados de *desgarramento*. Analisando separadamente o comportamento de cada sílaba, observa-se que, nas orações *desgarradas*, a duração média da pré-tônica, da tônica e da pós-tônica é relativamente maior do que nas mesmas sílabas em orações não *desgarradas*, confirmando o alongamento. No entanto, é o comportamento duracional da sílaba pós-tônica que demonstra de forma mais clara o alongamento final como característica das orações *desgarradas* totais, como evidenciado nos gráficos a seguir. No entanto, é o comportamento duracional da sílaba pós-tônica que demonstra de forma mais clara o alongamento final como característica das orações *desgarradas* totais, como evidenciado nos gráficos na figura 9.

Figura 9 - Duração nas sílabas da palavra nuclear em orações não *desgarradas* e *desgarradas* totais sem ramificação no último PhP – PB.



Fonte: Silvestre (2017).

Figura 10 - Duração nas sílabas da palavra nuclear em orações não *desgarradas* e *desgarradas* totais com ramificação no último PhP – PB.



Fonte: Silvestre (2017).

Por conclusão, os resultados da autora revelam que o *desgarramento* na língua falada é primariamente licenciado pela maior duração nas sílabas finais do IP das orações *desgarradas* totais, gerando um alongamento que confere peso à estrutura e permite o entendimento da oração adverbial isoladamente como uma informação completa. No caso do PB, além da variação fonética proporcionada pelo comportamento duracional das últimas sílabas do IP, a autora observa que o *desgarramento* é caracterizado por um padrão melódico diferente do encontrado nas orações adverbiais anexadas à oração núcleo (majoritariamente, L+H*L% para as não *desgarradas* e L+H*H% para as *desgarradas*), sugerindo que o fenômeno constitui um padrão fonológico distinto no português brasileiro.

4 CORPUS E METODOLOGIA

Este capítulo detalha a formação do corpus e a metodologia utilizada para investigar o fenômeno do *desgarramento* no Português Brasileiro falado em João Pessoa. Amostras de orações adverbiais foram manipuladas prosodicamente para criar versões *desgarradas* e não *desgarradas*, de forma semelhante a Silvestre (2021) e Mendonça (2023). Em seguida, realizamos testes de percepção com falantes nativos para verificar a importância da duração das sílabas finais na identificação dessas orações.

4.1 Da reformulação do corpus à manipulação dos dados

Após revisar o contexto relacionado à produção de orações não *desgarradas* e orações *desgarradas* totais, bem como os resultados preliminares embasados nesse fenômeno, optamos por realizar testes perceptivos para aprofundar a discussão sobre o *desgarramento* na língua falada. Para isso, desenvolvemos um teste de percepção com foco no dialeto de João Pessoa, com o objetivo de investigar se as pistas prosódicas de duração, identificadas como relevantes na caracterização do *desgarramento* nesta variedade do português (Guedes, 2023), são perceptivelmente mais influentes.

Nosso estudo visa manipular as características prosódicas observadas nos dados para investigar a hierarquia entre os parâmetros prosódicos de duração na percepção do fenômeno em questão. O principal objetivo é confirmar ou refutar se os resultados da produção indicam que o prolongamento das sílabas finais é a pista predominante para identificar orações *desgarradas*. Para atingir esse objetivo, é essencial manipular essa pista prosódica para avaliar seu impacto na percepção dos ouvintes.

As orações usadas como base foram obtidas por meio de gravações de um corpus de leitura, o qual incluiu situações em que o uso de orações adverbiais *desgarradas* ou não *desgarradas* é possível, permitindo a comparação de trechos lexicalmente idênticos, conforme será detalhado na próxima subseção.

A pesquisa envolveu duas informantes do sexo feminino, oriundas da região de João Pessoa e estudantes da Universidade Federal de João Pessoa, com idades entre 25 e 32 anos, em linha com as amostras utilizadas por Guedes (2023) e Silvestre (2017, 2021) em suas análises sobre a produção de orações *desgarradas*. A partir de uma análise preliminar dos dados, identificamos características prosódicas distintivas das orações *desgarradas* em

comparação com outros padrões melódicos previamente investigados no Português Brasileiro (PB), como o alongamento das sílabas finais, que será o foco deste estudo. Essa identificação motivou a concepção de um teste de percepção utilizando o programa PRAAT (Boersma, Weenick, 2020), no qual dados específicos foram manipulados para investigar se o parâmetro prosódico de duração desempenha um papel crucial na distinção entre orações *desgarradas* e não *desgarradas*.

4.2 Da manipulação dos dados do *desgarramento*

O corpus para o teste de percepção, como um todo, foi composto por quatorze orações adverbiais base: sendo 7 orações que fazem parte de estruturas complexas, com orações adverbiais anexadas à oração núcleo - não *desgarradas*, e outras 7, *desgarradas* totais. Para realizar a manipulação, utilizamos o software Praat, efetuando modificações para alterar o prolongamento das orações, permitindo:

- (i) Transformar orações *desgarradas* em não *desgarradas* através do aumento da duração;
- (ii) Converter orações não *desgarradas* em *desgarradas* mediante a redução da duração.

Essas manipulações permitiram examinar a hipótese anteriormente mencionada, de que a observação do alongamento nas sílabas finais pode diferenciar orações *desgarradas* totais das não *desgarradas*. Apresentamos tanto os dados originais quanto os manipulados a um grupo de ouvintes para confirmar se a modificação exclusiva da duração é capaz de caracterizar fonologicamente o *desgarramento* em alguns dialetos, ampliando a análise para dados de um número adicional de informantes na região de João Pessoa.

O propósito dessa seleção é verificar se os ouvintes percebem diferenças entre as orações *desgarradas* e as orações anexadas a uma cláusula núcleo marcadas pelo mesmo padrão melódico. Se isso for observado, poderemos afirmar que a percepção de diferença se dá pela presença da pista prosódica da duração.

Abaixo, veremos o detalhamento do estudo e os dados coletados de falantes da capital de João Pessoa, tanto com a produção de orações *desgarradas* quanto não *desgarradas*, manipuladas ou não:

- (i) Transformação de orações não *desgarradas* (áudios originais) para *desgarradas* (áudios manipulados): reduzimos a duração da sílaba tônica final e inserimos um corte na

oração manipulada para evitar a presença de uma cláusula núcleo. As sentenças utilizadas foram:

a) [Para ajudar os alunos esforçados fazia todo o possível] (não *desgarrada*; original) para [Para ajudar os alunos esforçados] (*desgarrada*; manipulada);

b) [Para ajudar os alunos fazia todo o possível] (não *desgarrada*; original) para [Para ajudar os alunos] (*desgarrada*; manipulada);

c) [Quando Carla imagina, sempre acha que o pior vai acontecer] (não *desgarrada*; original) para [Quando Carla imagina] (*desgarrada*; manipulada).

(ii) Transformação de orações *desgarradas* totais (áudios originais) para não *desgarradas* (áudios manipulados): aumentamos a duração da sílaba tônica final, sem cortes ou inserção de outras frases. A alteração foi apenas na duração final para verificar se as sentenças exigiriam um complemento, como é comum em orações não *desgarradas*. As sentenças utilizadas foram:

a) [Embora Carmem quisesse] (*desgarrada*; original) para [Embora Carmem quisesse] (não *desgarrada*; manipulada);

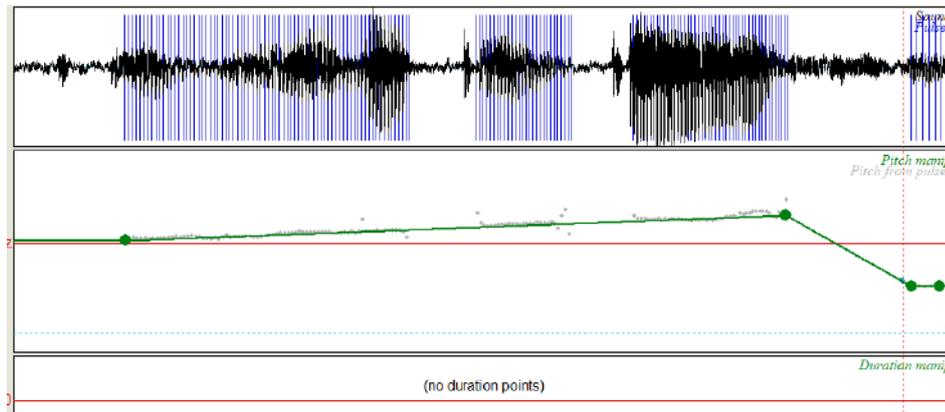
b) [Se Diogo conseguisse] (*desgarrada*; original) para [Se Diogo conseguisse] (não *desgarrada*; manipulada);

c) [Quando Fábio me chamasse] (*desgarrada*; original) para [Quando Fábio me chamasse] (não *desgarrada*; manipulada);

d) [Se Ricardo desejasse] (*desgarrada*; original) para [Se Ricardo desejasse] (não *desgarrada*; manipulada).

No conjunto de figuras 11 e 12, observamos o processo de alteração realizado através do programa Praat. A sentença "[Quando Ana apontasse]" é apresentada em seu estado original, na figura 11, caracterizado por uma total ausência de *desgarramento* prosódico, sem sofrer qualquer modificação.

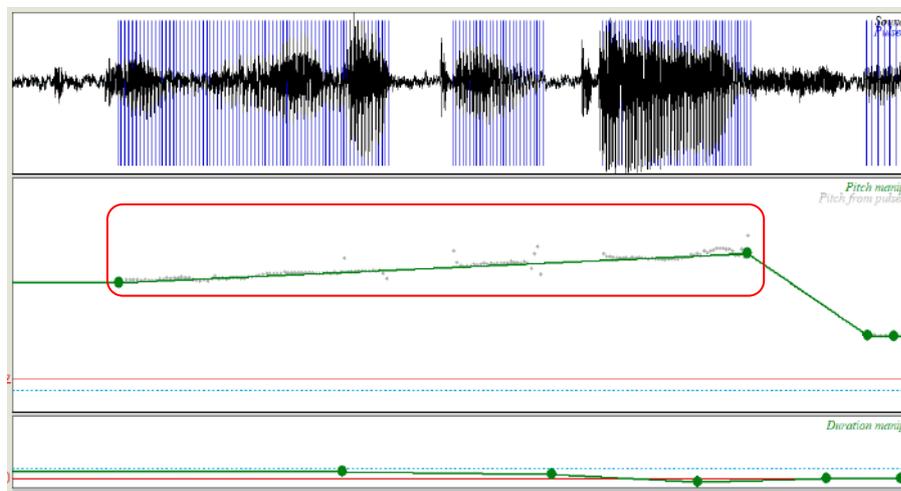
Figura 11 - quando Ana apontasse (sentença original; *desgarrada* total).



Fonte: Autoria própria.

Na figura subsequente, procedemos com uma alteração na duração da sentença, seguindo parâmetros semelhantes aos observados por Silvestre, onde foram adotados valores médios encontrados nas sílabas finais dos dados sem *desgarramento*. Especificamente, na condição pós-tônica, a duração foi aumentada em 12% em relação à pré-tônica e diminuída em 24% em relação à tônica, quando não há ramificação no último PhP, como é o caso da figura 12; e na condição pós-tônica, a duração foi aumentada em 9% em relação à pré-tônica. Dessa forma, realizamos uma redução na duração do IP final, convertendo a sentença originalmente *desgarrada* em uma não *desgarrada*, com o intuito de investigar se a duração, enquanto pista prosódica, é determinante para a caracterização do *desgarramento* nesta variedade do português. Confira:

Figura 12 - Quando Ana apontasse (áudio manipulado; não *desgarrada*).



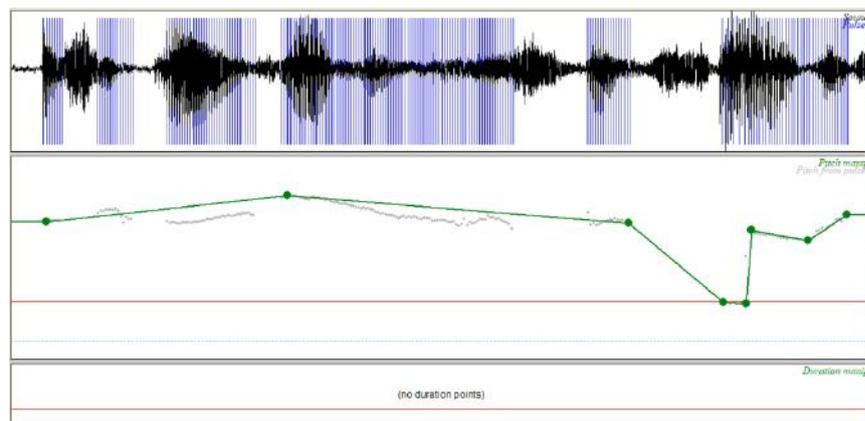
Fonte: Autoria própria.

Da mesma maneira, procedemos à inversão do processo, transformando uma sentença não *desgarrada* em *desgarrada*. Para realizar essa mudança apenas na duração, foram adotados os valores médios encontrados nas sílabas finais dos dados de *desgarramento*, conforme descritos por Silvestre. Na condição pós-tônica, a duração foi aumentada em 42% em relação à pré-tônica e 5% em relação à tônica quando não há ramificação no último PhP; e na condição pós-tônica, a duração foi aumentada em 40% em relação à pré-tônica e reduzida em 4% em relação à tônica quando há ramificação do PhP.

Observamos, portanto, nas figuras subsequentes, uma alteração na duração dos sons, resultando em um prolongamento do IP final. Em outras palavras, para converter a sentença não *desgarrada* em *desgarrada*, foi necessário aumentar a duração das sílabas tônica e pós-tônica da oração.

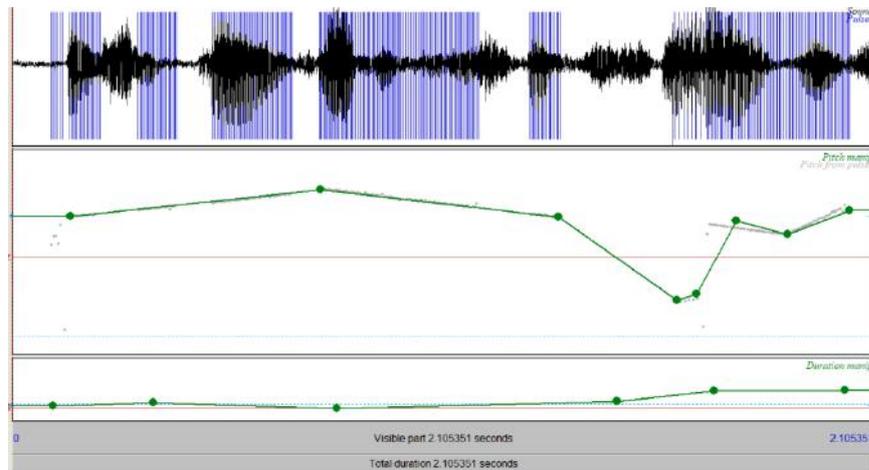
Adicionalmente, realizamos um corte no áudio para garantir que a sentença não possuíse uma oração núcleo alinhada a ela. Portanto, a oração do exemplo "[Para ajudar os alunos esforçados fazia todo o possível]" (figura 13) foi transformada em "[Para ajudar os alunos esforçados]" (figura 14).

Figura 13 - Para ajudar os alunos esforçados fazia todo o possível (áudio original; não *desgarrada*).



Fonte: Autoria própria.

Figura 14 - para ajudar os alunos (áudio manipulado; *desgarrado*).



Fonte: Autoria própria.

4.3 Da implementação e aplicação do teste de percepção

O estudo de percepção foi implementado através da plataforma Google Forms e compreendeu um conjunto de 11 orações. Destas, 7 foram submetidas a manipulações: 3 foram transformadas em orações *desgarradas*, 4 em orações não *desgarradas*, enquanto as 4 restantes permaneceram como *desgarradas* totais.

Os participantes foram instruídos a analisar os contextos fornecidos e, posteriormente, a escutar as respectivas orações. Após a audição, foi solicitado que os juízes identificassem o tipo oracional percebido, determinando se era *desgarrado* ou não *desgarrado*.

O painel de juízes foi composto por dezesseis indivíduos residentes nos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia, Paraíba e Santa Catarina, com idades compreendidas entre 18 e 45 anos. É importante salientar que esses participantes não possuíam conhecimentos prévios em fonética e tampouco estavam familiarizados com o fenômeno objeto de estudo.

A seguir, exemplificamos o processo pelo qual os resultados do teste foram obtidos. Os participantes foram expostos a diferentes contextos (indicados por [C:]) e, posteriormente, reproduziram os áudios correspondentes (indicados por AUD:). É importante observar que a descrição dos áudios aqui está relacionada à manipulação dos dados que os participantes ouviram, indicando se a sentença era uma oração *desgarrada* ou não *desgarrada*. No teste original, essa descrição não foi fornecida para não enviesar os juízes respondentes. Em algumas ocasiões, o mesmo contexto foi apresentado duas vezes: uma para a leitura das orações

desgarradas e outra para as não *desgarradas*. Em outras situações, apenas um contexto foi fornecido. Observe os contextos:

[C: Você fala com sua amiga sobre o trabalho de Maria, que ajuda alunos esforçados com exercícios para provas. Você diz que corrigir é cansativo, mas Maria gosta desse trabalho. Então, você comenta:]

AUD: [Para ajudar os alunos esforçados] (*Desgarrada* manipulada, com ramificação no último PhP)

AUD: [Para ajudar os alunos] (*Desgarrada* manipulada, sem ramificação no último PhP)

[C: Você e sua amiga conversam sobre a Carla, uma amiga em comum que sempre pensa no pior e vive imaginando que tudo de ruim irá acontecer, ainda que tentem convencê-la do contrário. Pensando nisso, você comenta:]

AUD: [Quando Carla imagina...] (*Desgarrada* manipulada, sem ramificação no último PhP)

[C: Você está conversando com um amigo sobre a possibilidade de Carmen de ganhar uma viagem como prêmio. Você menciona que, apesar de Carmen realmente querer a viagem, ela não pôde aceitá-la devido a restrições pessoais. Então, você comenta:]

AUD: [Embora Carmem quisesse] (*Desgarrada* total, sem ramificação no último PhP)

AUD: [Embora Carmem quisesse] (Não *Desgarrada* manipulada, sem ramificação no último PhP)

[C: Você está conversando com sua amiga sobre a equipe de vendas na empresa. Você menciona que o Diogo está concorrendo a uma posição de liderança. Você comenta que, se ele conseguir o trabalho, tudo será mais fácil para o departamento, pois ele é ótimo em motivar a equipe e atingir metas. Então, você conclui:]

AUD: [Se o Diogo conseguisse] (*Desgarrada* total, sem ramificação no último php)

AUD: [Se o Diogo conseguisse] (Não *desgarrada* manipulada, sem ramificação no último php)

[C: Você está conversando com sua psicóloga sobre o ambiente de trabalho e menciona que sempre que Fábio, seu supervisor, o chama ao escritório, sua produtividade cai drasticamente. Você explica que isso acontece porque você fica preocupado com o que será discutido e não consegue se concentrar em outras tarefas. Então, você comenta:]

AUD: [Quando Fabio me chamasse] (*desgarrada* total, sem ramificação no último php)

AUD: [Quando Fabio me chamasse] (não *desgarrada* manipulada, sem ramificação no último php)

[C: Você está conversando com uma amiga sobre a possível promoção de Ricardo na empresa. Você expressa que, considerando suas habilidades e dedicação, seria incrível se ele realmente quisesse o cargo em questão. Então, você diz:]

AUD: [Se Ricardo desejasse] (*desgarrada* total, sem ramificação no último php)

AUD: [Se Ricardo desejasse] (não *desgarrada* manipulada, sem ramificação no último php)

Na subseção a seguir, apresentamos os resultados concernentes ao teste de percepção aplicado para o PB.

5 RESULTADOS

Nesta seção, apresentaremos os resultados da análise das percepções sobre orações desgarradas e não desgarradas no Português Brasileiro (PB). Focamos na manipulação da duração das sílabas como uma pista prosódica crucial para a identificação dessas estruturas na língua falada.

5.1 Percepção das orações *desgarradas*

Diante das considerações apresentadas, foi possível constatar resultados interessantes no contexto deste estudo, os quais se referem às considerações sobre o fenômeno do *desgarramento* e sua relação com a duração. Através das manipulações delineadas nas explicações (i) e (ii), procuramos investigar a importância das pistas prosódicas de duração, as quais foram identificadas como relevantes na produção de orações *desgarradas* totais no Português Brasileiro (PB). Dessa forma, conjecturamos que, caso as orações não *desgarradas* sejam percebidas como *desgarradas* totais (e vice-versa) nos dados nos quais houve exclusivamente manipulação duracional, tal fato sugere a relevância desta pista prosódica na percepção do fenômeno.

No que tange à percepção de orações *desgarradas*, este estudo adotou uma abordagem conjunta, analisando tanto orações *desgarradas* totais quanto orações *desgarradas* manipuladas. Assim, na tabela a seguir (Tabela 4), são apresentados os resultados relativos à percepção das orações *desgarradas*, distinguindo-se aquelas que foram manipuladas e aquelas que não o foram. Observamos, portanto, na tabela, a) as três orações *desgarradas* manipuladas, listadas nas colunas 2, 3 e 4, respectivamente, e b) as quatro orações *desgarradas* totais, elencadas nas colunas 5 a 8.

Tabela 4 - Reconhecimento de orações desgarradas no PB.

	AjudarAlunos Esforçados	AjudarAlunos	Carlalmagina	EmboraCarmem	Sediogocon seguisse	Fabiome chamasse	Sericardo desejasse
JUIZ 1	NãoDesg	Desg	Desg	NãoDesg	Desg	Desg	Desg
JUIZ 2	Desg	Desg	Desg	Desg	Desg	Desg	Desg
JUIZ 3	Desg	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg	Desg	NãoDesg	NãoDesg
JUIZ 4	NãoDesg	NãoDesg	Desg	Desg	Desg	NãoDesg	Desg
JUIZ 5	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg	Desg	NãoDesg	Desg	Desg
JUIZ 6	Desg	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg
JUIZ 7	NãoDesg	Desg	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg	Desg
JUIZ 8	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg
JUIZ 9	Desg	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg	Desg	NãoDesg	Desg
JUIZ 10	Desg	NãoDesg	NãoDesg	Desg	Desg	NãoDesg	Desg
JUIZ 11	NãoDesg	NãoDesg	Desg	Desg	Desg	NãoDesg	Desg
JUIZ 12	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg
JUIZ 13	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg	Desg
JUIZ 14	Desg	Desg	NãoDesg	Desg	Desg	Desg	Desg
JUIZ 15	Desg	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg	Desg	Desg	Desg
JUIZ 16	NãoDesg	NãoDesg	Desg	Desg	Desg	Desg	Desg
MÉDIA	43,80%	25%	33%	43,80%	56,30%	37,50%	75%

Fonte: Autoria própria.

Conforme evidenciado na tabela, é notável que as orações *desgarradas*, considerando apenas sua variação na duração de sílabas, não apresentaram uma tendência clara em relação à definição de um padrão de *desgarramento*. De um total de sete orações analisadas, apenas duas (nas colunas 6 e 8) foram identificadas como *desgarradas*, representando uma porcentagem de 56,30% e 75%, respectivamente. Essa distinção ocorreu exclusivamente em orações que não foram submetidas a manipulações, ou seja, aquelas baseadas nos áudios originais.

Quanto às orações *desgarradas* totais, isto é, aquelas que não foram manipuladas, observou-se que, das quatro analisadas, apenas duas foram reconhecidas como *desgarradas*, enquanto as demais foram majoritariamente interpretadas como não *desgarradas*.

No que concerne à percepção das orações *desgarradas* manipuladas, todas elas foram reconhecidas como não *desgarradas*, com uma taxa de “acerto” abaixo de 42,80%. Esses resultados sugerem que os avaliadores reconhecem a necessidade de uma oração núcleo para o completo entendimento dessas estruturas.

5.2 Percepção das orações não *desgarradas*

Nas análises de percepção das orações não *desgarradas*, optamos por incluir apenas as orações não *desgarradas* manipuladas, com o intuito de compreender melhor esse fenômeno. Essa escolha se baseia na premissa anteriormente mencionada de que as orações não *desgarradas* estão associadas a orações nucleares, o que nos levou a excluí-las da análise.

Portanto, na tabela a seguir (Tabela 5), são apresentados os resultados relativos à percepção das orações não *desgarradas* manipuladas. Observaremos como os avaliadores perceberam essas estruturas:

Tabela 5 – Reconhecimento de orações desgarradas no PB.

	EmboraCarmen	SeDiogoConseguisse	Fabiomechamasse	SeRicardodesejasse
JUIZ 1	NãoDesgs	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg
JUIZ 2	Desg	Desg	Desg	Desg
JUIZ 3	NãoDesg	Desg	NãoDesg	NãoDesg
JUIZ 4	Desg	Desg	Desg	NãoDesg
JUIZ 5	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg
JUIZ 6	Desg	NãoDesg	Desg	Desg
JUIZ 7	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg	Desg
JUIZ 8	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg
JUIZ 9	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg
JUIZ 10	Desg	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg
JUIZ 11	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg
JUIZ 12	NãoDesg	NãoDesg	Desg	Desg
JUIZ 13	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg	Desg
JUIZ 14	NãoDesg	NãoDesg	Desg	Desg
JUIZ 15	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg
JUIZ 16	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg	NãoDesg
MÉDIA	75%	81,30%	68,80%	62,50%

Fonte: Autoria própria.

Em relação à manipulação exclusiva da característica da duração, todas as orações avaliadas no teste de percepção foram consistentemente classificadas como não *desgarradas* pelos participantes. Esses resultados sugerem que a duração parece ser um correlato acústico significativo que influencia a identificação das orações associadas a uma cláusula nuclear, uma vez que a taxa de identificação correspondente atingiu mais de 62%. Além disso, essa constatação contribui para a percepção de um maior prolongamento associado às orações classificadas como *desgarradas*.

No entanto, reconhecemos a necessidade de aprimorar tanto o número de orações submetidas à avaliação quanto à variedade de padrões de alongamento silábico contemplados. Compreendemos que o teste aplicado confirma resultados já observados na produção de orações *desgarradas* totais no Português Brasileiro (PB) e consideramos que ele representa uma fonte relevante para o estudo do *desgarramento* na língua falada.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo nos forneceu os primeiros resultados sobre a importância das pistas prosódicas na percepção deste fenômeno. Analisando a duração das sílabas finais, verificou-se que esta é uma pista importante para analisar orações *desgarradas*, mas se revelou como um fator não decisivo para caracterização desse fenômeno.

Os resultados evidenciam que, embora a manipulação da duração das sílabas finais seja uma ação útil para estudar o *desgarramento*, sua eficácia varia conforme o tipo de oração. As orações *desgarradas* totais não manipuladas foram parcialmente reconhecidas como *desgarradas* pelos avaliadores, sugerindo que características prosódicas intrínsecas sinalizam o *desgarramento*. No entanto, as orações manipuladas com o aumento da duração das sílabas não foram predominantemente percebidas como *desgarradas*, indicando a necessidade de uma oração núcleo para a completa compreensão dessas estruturas. Este achado realça a importância da configuração sintática e prosódica combinada para a melhor interpretação das orações *desgarradas*.

Os dados quantitativos, que envolveram quatorze orações adverbiais base (7 não *desgarradas* e 7 *desgarradas* totais), mostraram que a manipulação da duração das sílabas finais não teve um impacto perceptivo significativo, sugerindo uma necessidade de outras pistas prosódicas ou contextuais para uma percepção clara do *desgarramento*.

No que concerne às análises das orações não *desgarradas* manipuladas, o estudo revelou que a percepção de prolongamento pode ser consistente, fato que corroborou com a hipótese de que o alongamento das sílabas finais é fator distintivo das orações não *desgarradas* no PB. Portanto, este alongamento das sílabas pós-tônicas nas orações *desgarradas*, identificado por Silvestre (2017, 2021), não foi confirmado como um marcador exclusivo, já que apenas ocorreu apenas em dados de *desgarramento*, e foi descartado como significativo para diferenciação de orações *desgarradas*.

Para ampliar a compreensão do fenômeno, futuros estudos deverão incluir uma maior variedade de orações e padrões de alongamento silábico. Adicionalmente, a exploração de outros fenômenos prosódicos, como a variação de F0 e as pausas, pode enriquecer ainda mais a análise, oferecendo uma visão mais completa das estratégias usadas pelos falantes para sinalizar o fenômeno de *desgarramento*.

Em suma, este estudo, apesar de não confirmar a relevância da duração das sílabas como um correlato acústico imprescindível na percepção do *desgarramento* das orações adverbiais

na variedade pessoense do PB, mostrou-se como relevante para a análise e refutação de hipóteses traçadas por Silvestre (2017, 2021). Os resultados obtidos, entretanto, contribuem para um entendimento mais profundo do fenômeno e oferecem uma base sólida para investigações futuras.

Este estudo contribui também para uma compreensão mais contextualizada das estruturas linguísticas, uma vez que análise do *desgarramento* linguístico, a partir de uma perspectiva prosódica e funcional-discursiva, revela-se essencial para desvendar as nuances da comunicação verbal, destacando a importância das escolhas prosódicas no delineamento das relações sintáticas e discursivas. Tal entendimento pode influenciar e auxiliar em pesquisas posteriores com visão prática e teórica, promovendo uma compreensão abrangente sobre a prosódia do Português Brasileiro.

REFERÊNCIAS

- MENDONÇA, Rafaela Ribeiro. O desgarramento de orações adverbiais na língua falada: uma breve descrição e contributos para a percepção de fronteiras prosódicas no português brasileiro. Rio de Janeiro: UFRJ/ LETRAS, 2023.
- GUEDES, Vitória Dias. Desgarramento Sintático E Prosódia: Análise De Produção De Orações Adverbiais Desgarradas No Falar De João Pessoa. Rio de Janeiro: UFRJ/LETRAS, 2023.
- SILVESTRE, A. P. S. Aspectos prosódicos de estruturas *desgarradas* em língua portuguesa. Campinas: Editora da Abralín, 2021.
- SILVESTRE, A. P. S. “Quando a Carla imagina...”: contribuições da prosódia para o estudo do *desgarramento* sintático. In: DUARTE, M. E. L.; BRANDÃO, S. F.; RODRIGUES, V. V. (Org.). Seleção de pesquisas em Língua Portuguesa 2017-2018. Rio de Janeiro: Letras/UFRJ, 2018. p. 285-314.
- SILVESTRE, A. P. S. “Se eu pudesse e se o meu dinheiro desse...”: *desgarramento* e prosódia no português brasileiro e no português europeu. 2017. Tese (doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- BOESMA, P.; WEENICK, D. Praat: doing phonetics by computer [programa de computador]. Versão 5.4.08. Amsterdam: Universiteit van Amsterdam; 2015. [citado 16 abr.2015]. Disponível em: www.praat.org.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. Nova gramática do português contemporâneo. 6 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- SILVESTRE, A. P. S. A entoação regional dos enunciados assertivos nos falares das capitais brasileiras. 2012. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- DECAT, Maria Beatriz N. Estruturas *Desgarradas* em Língua Portuguesa. Campinas: Pontes Editora, 2011.
- SERRA, C. R. Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura. 2009. Tese - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- LADD, R. Intonational phonology. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. LIRA, Z. A entoação modal em cinco falares do nordeste brasileiro. Tese de doutoramento em linguística. João Pessoa, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFP, 2009.
- CUNHA, C. S. Atlas linguístico do Brasil: uma análise das questões de prosódia. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. M. (Org.). Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. 1 ed. Salvador: Editora Quarteto, 2005. v. 1, p. 187-205.

MIRA MATEUS, Maria H. et al. (1989) Gramática da língua portuguesa. Lisboa: Caminho, 2003.

CUNHA, C. S. Entoação regional no português do Brasil. 2000. Tese (doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

DECAT, Maria Beatriz N. Por uma abordagem da (in) dependência de cláusulas à luz da noção de “unidade informacional”. Scripta (Linguística e Filologia), v.2, n.4, Belo Horizonte: PUC Minas, 1º sem. 1999, p.23-38.

NESPOR, M.; VOGER, I. La prosodia. Madrid: Visor Distribuciones, 1994.

PIERREHUMBERT, J. The phonology and phonetics of English intonation. PhD Thesis. Massachusetts: M.I.T., 1980.

ROCHA LIMA, C. H. Gramática normativa da língua portuguesa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972. RODRIGUES, T. M. B.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (Brasil). Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Rio de Janeiro, 1958. Documento resultante do trabalho da Comissão designada na Portaria Ministerial nº 152/57, constituída pelos Professores Antenor Nascentes, Clóvis do Rêgo Monteiro, Cândido Jucá (filho), Carlos Henrique da Rocha Lima e Celso Ferreira da Cunha, assessorada pelos Professores Antônio José Chediak, Serafim Silva Neto e Sílvia Edmundo Elia.